

ANÁLISE DE ENTREVISTAS SOBRE ESTUDOS DA CIDADE POR MEIO DA TEORIA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DE MIKHAIL BAKHTIN

ANÁLISIS DE ENTREVISTAS SOBRE ESTUDIOS DE LA CIUDAD A TRAVÉS DE LA TEORÍA DE LA ANÁLISIS DIALÓGICA DEL DISCURSO DE MIKHAIL BAKHTIN

ANALYSIS OF INTERVIEWS ABOUT STUDIES OF THE CITY THROUGH MIKHAIL BAKHTIN'S DIALOGIC DISCOURSE ANALYSIS THEORY

Priscila de Souza Chisté Leite , Mariana Dionizio dos Santos
Instituto Federal do Espírito Santo

Correspondencia: Priscila de Souza Chisté Leite
Correo: pchiste@ifes.edu.br
Recibido: 15/12/19; Aceptado: 13/05/20
DOI: 10.17398/0213-9529.39.2.107

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar análise de entrevistas sobre estudos da cidade por meio da teoria discursiva de Mikhail Bakhtin. A partir de pesquisa teórica e documental, inicia ao discorrer sobre contribuições dos estudos bakhtinianos para a metodologia de pesquisa em Ciências Humanas, explicando também a teoria da Análise Dialógica do Discurso, sistematizada pelo autor russo. Na sequência, expõe aspectos teórico-metodológicos utilizados pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech), com ênfase nas entrevistas realizadas com pesquisadores que estudam o espaço citadino, analisando-as a partir da referida teoria. Conclui que a entrevista é meio fundamental para ampliar, a partir do diálogo, da polifonia, da responsividade, da alteridade e da exotopia, o conhecimento sobre um determinado tema.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa; Gênero discursivo entrevista; Análise Dialógica do Discurso; Bakhtin; Educação na Cidade

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis de entrevistas sobre estudios de la ciudad a través de la teoría discursiva de Mikhail Bakhtin. A partir de la investigación teórica y documental, comienza discutiendo las contribuciones de los estudios de Bakhtin a la metodología de investigación en Ciencias Humanas, explicando también la teoría del análisis dialógica del discurso, sistematizada por el autor ruso. A continuación, expone aspectos teóricos y metodológicos utilizados por el Grupo de Estudios e Investigación sobre Educación en la Ciudad y las Humanidades (Gepech), con énfasis en las entrevistas realizadas con investigadores que estudian el espacio de la ciudad, analizándolas en base a esa teoría. Concluye que la entrevista es un medio fundamental para expandir, basado en el diálogo, en la polifonía, en la capacidad de respuesta, en la alteridad y en la exotopía, el conocimiento sobre un tema determinado.

Palabras clave: Metodología de la investigación; Género discursivo entrevista; Análisis dialógica del discurso; Bakhtin; La educación en la ciudad.

Abstract

This article aims to present an analysis of interviews about studies of the city through Mikhail Bakhtin's discursive theory. From theoretical and documentary research, he starts by discussing the contributions of Bakhtinian studies to the research methodology in Human Sciences, also explaining the theory of Dialogic Discourse Analysis, systematized by the russian author. Then, it exposes theoretical and methodological aspects used by the Group of Studies and Research on Education in the City and Humanities (Gepech), with emphasis on the interviews carried out with researchers who study the city space, analyzing them based on that theory. It concludes that the interview is a fundamental way of increasing the knowledge about the subject matter, through dialogue, polyphony, otherness, exotopy.

Keywords: Research Methodology; Discourse genre interview; Dialogic Discourse Analysis; Bakhtin; Education in the City.

INTRODUCCIÓN

Muitos estudiosos do campo da metodologia de pesquisa dedicaram-se a investigar as contribuições da entrevista como técnica de produção de dados. Entre estes autores podemos citar Minayo (2000), que compreende a entrevista como um procedimento privilegiado de comunicação, uma conversa realizada por iniciativa do entrevistador destinada à coletar informações sobre um determinado objeto de pesquisa. Para Minayo (2000), as entrevistas podem ser classificadas de acordo com a sua forma de organização: (a) sondagem de opinião – elaborada mediante a questionário estruturado; (b) entrevista semi-estruturada – combina perguntas fechadas e abertas em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema sem se prender à indagação formulada. (c) entrevista aberta ou em profundidade – o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e o investigador pode realizar perguntas que busquem dar profundidade às reflexões. (d) entrevista focalizada – se destina a esclarecer um determinado problema. (e) entrevista projetiva – usa dispositivos visuais ou verbais, como poemas, filmes ou fotos, que convidam o entrevistado a discorrer sobre o que lê ou vê; (f) histórias de vida – propõe que o entrevistado narre a experiência vivida, podendo ser ampla ou temática e; (g) grupo focal – o pesquisador compõe um pequeno grupo de pessoas que apresentarão suas opiniões sobre um determinado tema.

Quanto às fases da entrevista, Minayo (2000) aponta ao menos cinco passos que antecedem a conversa de fato: agendamento da entrevista; menção do interesse e explicação dos motivos da pesquisa; apresentação do termo de adesão à pesquisa; justificativa da escolha do entrevistado; conversa inicial para “quebrar o gelo”. Minayo (2000) sugere atenção ao momento de registro da entrevista. Cabe descrever no projeto/relatório se a entrevista será gravada em áudio ou em vídeo; se o entrevistador fará anotações sobre suas impressões para complementar os dados produzidos, bem como se ocorrerá a transcrição e análise desses dados.

Além de Minayo (2000), outros autores brasileiros contribuíram para a valorização da entrevista como técnica de produção de dados em pesquisas acadêmicas, tais como Duarte (2004) e Szymanski (2004), por exemplo. Duarte (2004), chama a atenção para alguns pontos importantes quando se elenca a entrevista como técnica de produção de dados, como por exemplo, quando explicita no projeto ou relatório de pesquisa as razões pelas quais optou-se pelo uso deste instrumento; os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados; o número de informantes; o quadro descritivo dos informantes – sexo, idade, profissão, escolaridade, posição social no universo investigado; como se deram as situações de contato (como os entrevistados foram convidados a dar seu depoimento, em que circunstâncias as entrevistas foram realizadas, como transcorreram etc.); roteiro da entrevista (de preferência em anexo) e, procedimentos de análise (colocando no final do texto ou relatório cópia das transcrições – observando a necessidade, ou não, de preservação da identidade do informante).

Quanto à transcrição, Duarte (2004) aponta que é necessário ouvir novamente a gravação após a primeira redação, acompanhando o texto transcrito para corrigir erros e também reavaliar os rumos que investigação tomará diante das informações coletadas. Sobre a análise dos dados, Duarte (2004) sugere que eles sejam organizados por eixos temáticos articulados aos objetivos da pesquisa. Dentre um conjunto de entrevistas, por exemplo, pode-se promover o diálogo entre elas, identificando as semelhanças, divergências, relações entre contextos e o modo como os interlocutores percebem o assunto discutido. Outro ponto importante a ser levado em conta, refere-se ao fato de que cada entrevistado apresenta sua

visão sobre o tema, cabendo confrontá-lo com outros olhares, com a prática observada pelo pesquisador e com o referencial teórico utilizado.

Para Szymanski (2004), a concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua intencionalidade, fato que caracteriza o caráter ativo de sua participação, aceitando os interesses de quem faz a investigação ao mesmo tempo que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro. A autora alerta que durante a entrevista podem ocorrer estratégias de ocultamento, quando o entrevistado esconde informações que supostamente acha que podem ser ameaçadoras para si ou para o seu grupo; ou ao contrário, quando inclui informações que podem trazer uma visc mais favorável dos mesmos.

Szymanski (2004) chama a atenção para o caráter reflexivo que a entrevista pode ter, pois em muitos casos o entrevistado não teve a oportunidade de expor suas ideias sobre o tema em questão. Este movimento reflexivo pode colaborar para a construção de um pensamento novo, estimulando a tomada de consciência e impondo novas reflexões sobre o tema. Nesse tipo de entrevista, chamada pela autora de Entrevista Reflexiva, o entrevistador tem papel fundamental, pois fará inferências durante a narrativa do entrevistado, estimulando novas reflexões sobre a temática. Ao entrevistador, cabe a função de manter o foco no problema estudado em sua pesquisa, elaborar sínteses a partir da fala do entrevistado, formular questões de esclarecimento, questões focalizadoras ou questões de aprofundamento.

Szymanski (2004) aponta também outro momento que pode contribuir para reflexões sobre a temática: a devolução. Trata-se da exposição da transcrição e da pré-análise realizadas pelo entrevistador para o entrevistado. “O sentido de apresentar-se esse material decorre da consideração de que o entrevistado deve ter acesso à interpretação do entrevistador, já que ambos produziram um conhecimento naquela situação específica de interação” (Szymanski, 2004, p. 52). A autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que pode apresentar modificações geradas pelo processo de reflexão – primeiro durante a entrevista e depois na comparação de sua interpretação com a do entrevistador. Para a utilização dos procedimentos da entrevista reflexiva, Szymanski (2004) ressalta a importância do entrevistador ter experiência na condução de grupos.

Contudo, em meio à discussão ampla e com variados estudos teóricos-metodológicos relacionados à entrevista, infere-se que este tema toma um rumo especial quando observado a partir dos estudos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, devido principalmente à sua abordagem dialógica. Na tentativa de demonstrar tal perspectiva, pretende-se iniciar a próxima seção discorrendo sobre contribuições dos estudos bakhtinianos para a metodologia de pesquisa em Ciências Humanas. Na sequência, será abordado o gênero discursivo entrevista a partir da teoria da Análise Dialógica Discursiva bakhtiniana e, a seguir, apresentar-se-á ações de um grupo de pesquisa brasileiro, compartilhando com o leitor levantamento bibliográfico de pesquisas que investigaram o gênero entrevista a partir dos estudos bakhtinianos, dando destaque a pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech) (Côco, Chisté, Martinelli Filho & Della Fonte, 2018).

Quanto aos aspectos metodológicos, este artigo aproxima-se das pesquisas do tipo teórico-documental, e tem como objetivo apresentar análise de entrevistas sobre estudos da cidade por meio da teoria discursiva de Mikhail Bakhtin. Exibe, para tanto, recorte de uma pesquisa que transcreveu e analisou entrevistas com estudiosos renomados no campo das investigações sobre Cidade.

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS BAKHTINIANOS PARA A METODOLOGIA DE PESQUISA.

No célebre texto “Metodologia das Ciências Humanas”, escrito entre o fim dos anos de 1930 e início dos 40, Mikhail Bakhtin tece críticas aos métodos de pesquisa das Ciências Exatas. Em resposta a tais métodos, ele propõe que a pesquisa em Ciências Humanas seja um modo especial de acontecimento na vida, levando em consideração que a compreensão dos temas investigados se dá a partir de confrontos de ideias e negociação de sentidos possíveis entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Bakhtin pondera que nas Ciências Humanas, o sujeito não pode ser percebido como coisa, um ser biológico ou empírico, mas como aquele que está inserido em uma situação social e histórica concreta “(...) porque, como sujeito e permanecendo como sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (Bakhtin, 2011, p. 400). A neutralidade do pesquisador é colocada em xeque pois, para este filósofo russo, é impossível qualquer compreensão sem julgamento de valor. O modo de compreender determinado fenômeno não se separa do modo de avalia-lo. Ambos, a compreensão e a avaliação, se constituem como elementos simultâneos de um ato integral único. O lugar ocupado pelo investigador é marcado pela experiência singular do encontro do pesquisador com o outro, na busca por produzir textos que revelem compreensões que darão sentido aos acontecimentos da vida. O outro não é uma realidade abstrata, ou um objeto de pesquisa. É alguém cuja palavra confronta-se com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Tal resposta necessita confrontar o que foi dito à produção crítica acerca do tema investigado, ou seja, cabe colocar em diálogo o que foi proferido com outros textos que ofereçam a temática novos aprofundamentos.

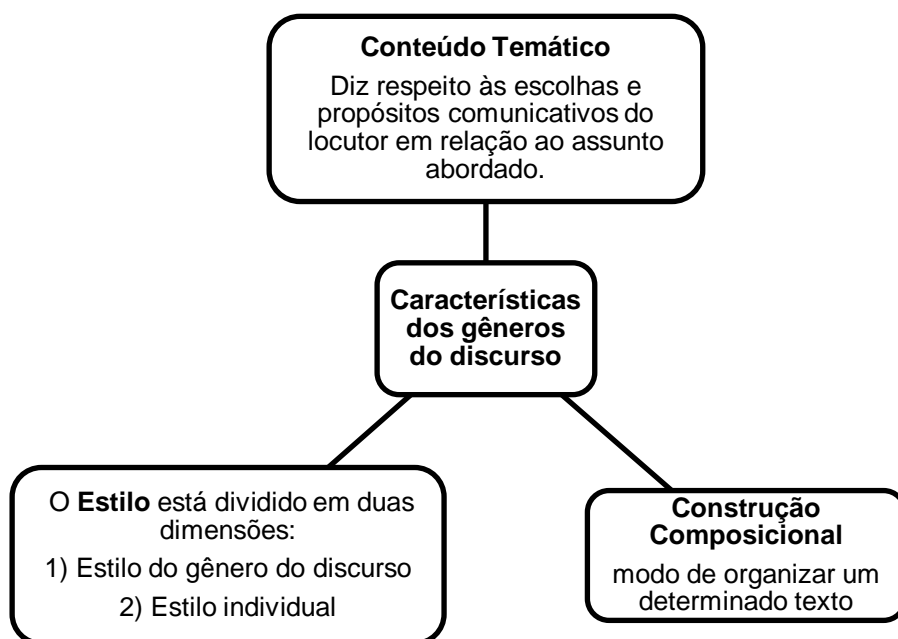
Para Bakhtin (2011), o texto é o dado primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas. Ele é produto da criação ideológica ou de uma enunciação, inserido em contexto histórico, social, cultural etc. Um texto, visual ou verbal, define-se pelo diálogo entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos, é único, não reproduzível, não reiterável e irrepitível. A produção de textos no campo investigativo implica uma relação de alteridade, pois não é possível realizar pesquisa em Ciências Humanas sem o outro, sem sua presença, sem que ambos saiam modificados desta relação. Assumir a teoria da linguagem de Bakhtin oportuniza uma outra qualidade na pesquisa em Ciências Humanas, pois o foco não está reduzido a fala do sujeito da investigação, mas na cena dialógica que se estabelece entre o pesquisador e seu outro, produzindo sentidos, acordos e negociações sobre determinado assunto (Souza & Albuquerque, 2012). A ênfase está na interação dialógica entre pessoas. Os sujeitos do diálogo, portanto, ocupam uma ativa posição responsiva, concordando ou não com o texto, completando-o, aplicando-o, preparando-se para usá-lo, etc. A responsividade, portanto, refere-se à um responder responsável que envolve necessariamente um compromisso ético do agente.

Assim, para Bakhtin, qualquer pesquisa que envolva um encontro entre sujeitos, se dá em um contexto marcado por um processo de alteridade mútua, em que o pesquisador e seus outros negociam modos como cada um define suas experiências na busca por dar sentido à vida, sem perder de vista as múltiplas dimensões do fenômeno estudado e o caráter ideológico dos diferentes textos envolvidos nesta trama.

Bakhtin foi um dos importantes pensadores do século XX que se ocupou com os estudos do discurso. Suas proposições surgiram em oposição a uma dominância estruturalista nas investigações sobre a linguagem. Tais estudos, conhecidos como “Análise Dialógica do Discurso”, referem-se a uma postura teórico-metodológica que compreende o discurso em uma

dimensão que ultrapassa o nível puramente linguístico, envolvendo também o extralinguístico. A ênfase da “Análise Dialógica do Discurso” está no conceito de interação, visto que o filósofo considera a linguagem como forma de interação social, fundamentada no conceito de dialogismo e, a língua, como fenômeno histórico, social e cultural. Infere que linguagem e discursos possuem seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da interação entre subjetividades no intercâmbio verbal, ou seja, nas situações concretas de exercício da linguagem. A linguagem é entendida como arena de luta, na qual diferentes discursos entram em relação: aproximam-se, afastam-se, estabelecem alianças em alguns momentos e geram conflitos em outros.

Para Bakhtin (2011) todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O emprego da língua efetua-se sob a forma de enunciados (ato de produção do discurso oral, escrito etc.) proferidos pelos integrantes dos diferentes campos da atividade humana. Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo, por meio do (1) conteúdo temático, (2) construção composicional e (3) estilo, conforme Esquema 1.



Esquema 1. Características dos gêneros do discurso

(1) O **conteúdo temático** do enunciado está no domínio do sentido que envolve um determinado gênero. Diz respeito às escolhas e aos propósitos comunicativos do locutor em relação ao assunto abordado. No gênero entrevista, por exemplo, as perguntas elaboradas pelo entrevistador visam extrair informações sobre um determinado tema. Esse tema é construído a partir da interação, do diálogo entre os participantes da entrevista.

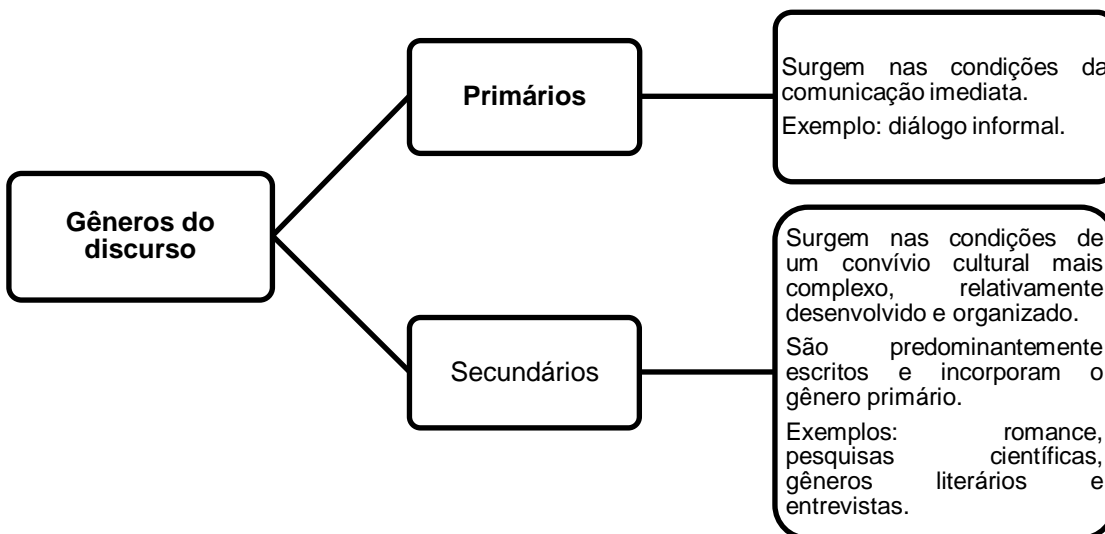
(2) A **construção composicional** de um enunciado é considerada como o modo de organizar um determinado texto. No caso da entrevista, ela normalmente começa com uma introdução em que o entrevistador oficializa o início do evento, dando boas-vindas ao entrevistado e apresentando a instituição da qual faz parte e é representante. Com isso, os papéis de cada participante são estabelecidos e um acordo é firmado.

(3) Já o **estilo linguístico** de um enunciado refere-se a dois aspectos. O primeiro concerne às especificidades de cada campo, ou seja, a existência de um estilo peculiar para cada gênero discursivo. Portanto, os gêneros discursivos são produzidos e circulam em condições específicas, possuem um estilo linguístico peculiar em cada esfera de circulação. O segundo,

diz respeito aos traços da individualidade do falante, chamado de estilo individual. Contudo, Bakhtin (2011), alerta que “(...) nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual” (p. 265). Os documentos oficiais de ordem militar, as atas, seriam uma dessas exceções por possuírem um alto nível de formalidade que se reflete na coordenação das frases e sentenças.

Os três elementos – conteúdo temático, construção composicional e estilo - estão ligados indissociavelmente e, como foi explicitado, são determinados pelas especificidades dos diferentes campos de comunicação. Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados por Bakhtin de gêneros do discurso. Conforme o autor “A riqueza e a diversidade de gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida em que se desenvolve e se complexifica determinado campo” (Bakhtin, 2011, p. 262).

Bakhtin (2011) posiciona os gêneros do discurso em duas categorias: os primários (chamados simples por surgirem nas condições da comunicação imediata); e os secundários (chamados complexos por surgirem nas condições de um convívio cultural mais complexo, relativamente desenvolvido e organizado). Os gêneros discursivos secundários, tais como o romance, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, gêneros literários etc. surgem nas condições de convívio cultural mais complexo. São organizados, desenvolvidos e predominantemente escritos e, no processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários.



Esquema 2. Gêneros do discurso

A partir da divisão bakhtiniana de gêneros discursivos primários e secundários (Esquema 2) podemos considerar a entrevista como gênero discursivo secundário, caracterizada pela incorporação e reelaboração de gêneros primários, como por exemplo o diálogo informal. Apesar de apresentar características comuns às da atividade conversacional espontânea, considerada simétrica porque todos os participantes têm igual direito ao uso da palavra, a entrevista se difere em vários aspectos das conversas informais por apresentar características próprias, assumindo um caráter assimétrico. Fávero (2000), seguidor da teoria de Bakhtin, argumenta que o objetivo da entrevista “(...) é sempre o interrelacionamento humano, mas os

direitos dos participantes não são os mesmos, pois o entrevistador faz as perguntas e oferece, em seguida, o turno ao entrevistado”. (p. 79)

Nesse sentido, as interações são assimétricas, pois um dos parceiros detém o poder da palavra e a distribui de acordo com sua vontade. Na entrevista, o diálogo assimétrico ocorre pela relação de desigualdade existente entre os membros participantes. Os sujeitos envolvidos desempenham papéis e condições distintas de participação no diálogo, exercendo um direcionamento maior ou menor na interação, de modo que o entrevistador pode meramente cumprir o papel de obter respostas ou dirigir o entrevistado a responder questões pré-estabelecidas pelo entrevistador (Fávero, 2000). Poderíamos dizer que o planejamento prévio e o par “pergunta-resposta” são marcas da assimetria, já que cabe ao entrevistador elaborar previamente as perguntas e direcioná-las ao entrevistado.

Muitas entrevistas são realizadas por meio de uma conversa presencial, configurando-se assim como discurso predominantemente oral. A oralidade possui alguns recursos característicos, tais como a entonação, a alternância e a conclusibilidade. A entonação é um recurso que visa dar ênfase a um determinado assunto, imprimindo também uma visão avaliativa que pode influenciar o interlocutor. A alternância dos sujeitos do discurso relaciona-se com a concepção bakhtiniana de que todo enunciado nasce em resposta a outro enunciado, convoca uma resposta, suscita uma posição responsiva e induz uma coprodução discursiva. A conclusibilidade está intimamente vinculada à alternância dos sujeitos do discurso, instaurando um efeito de fim no que foi dito e a possibilidade de resposta ao enunciado. No caso das entrevistas, pode-se observar que elas apresentam uma estrutura comum como a alternância entre perguntas e respostas. Predominam o uso de construções frasais na interrogativa, favorecendo a manutenção do contato entre os falantes. Nesse sentido, a entrevista é um espaço de produção de enunciados que se alternam e constroem sentidos na interação entre as pessoas envolvidas. Conforme Freitas (2002), estudiosa de Bakhtin, a entrevista

(...) não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social. (p. 09)

A partir dos pressupostos bakhtinianos enunciados, na próxima seção, relatar-se-á como a entrevista tem sido utilizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech).

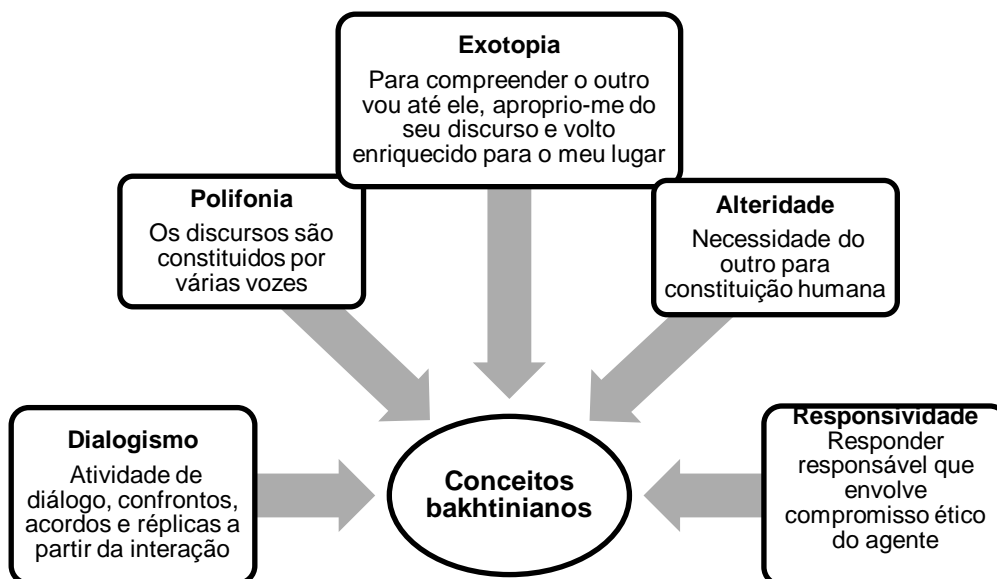
2.2 ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE PRODUÇÃO DE DADOS DO GEPECH

O Gepech iniciou seus estudos e pesquisas em 2016 juntamente com o recém implementado Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, localizado no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) campus Vitória, Espírito Santo, Brasil. O grupo tem como objetivos: 1) discutir relações entre a cidade e a educação a partir de áreas do conhecimento ligadas às humanidades; 2) planejar, executar e avaliar formações de professores da educação básica que contribuam com reflexões sobre os espaços da cidade; bem como 3) sistematizar materiais educativos que discutam e apresentem propostas relacionadas com a cidade. As pesquisas do grupo possuem diferentes focos, tais como abordagens históricas, filosóficas, poéticas, ambientais e artísticas.

Os estudos coletivos do Gepech são reconfigurados a cada semestre de acordo com a demanda dos pesquisadores, valorizando a interação discursiva, em suas diferentes formas e manifestações, na promoção do conhecimento e na constituição dos sujeitos. O grupo é formado por mestrandos, professores e alunos de graduação dos cursos de Letras e Pedagogia. Realiza estudos coletivos a partir de aporte teórico crítico e também promove interlocução com outros pesquisadores por meio de palestras e entrevistas. Várias entrevistas foram realizadas em 2016, 2017 e 2018 com o objetivo de adensar compreensões sobre aspectos inerentes aos estudos relacionados à educação na cidade. Por constatar a potência desses discursos verificou-se a necessidade de investir esforços para sistematizar ações de pesquisa, com objetivo de transcrever e analisar esses textos, com a ajuda de uma licencianda em Letras, também autora deste artigo.

Considera-se que por meio das entrevistas é possível realizar transposições teóricas e, de certo modo, exotópicas, pois a interação com os entrevistados, possibilita identificação e aproximação com a realidade a partir do que eles viram; ou seja, insere-se no lugar dos entrevistados para depois voltar-se ao lugar de origem, completando os horizontes com tudo o que foi descoberto no lugar ocupado fora dos supostos limites. Conforme nos alerta Bakhtin (2011), “(...) na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem”. (pp. 35-36)

Nesse sentido, infere-se que além da exotopia, a alteridade apresentou-se como conceito filosófico fundamental (vide Esquema 3), pois possibilitou constatar que conhecer outras pesquisas e modos de pensar, revelados nas entrevistas, são imprescindíveis para a ampliação dos estudos sobre cidade e suas relações com o campo educacional. Por meio dos estudos bakhtinianos, pode-se inferir que é na relação de alteridade que os indivíduos se constituem. São seres que se refletem nos outros, mas também se refratam neles. Este processo não surge da consciência individual, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos de outrem. Constituem-se, alteram-se e se transformam sempre através do outro.



Esquema 3. Conceitos bakhtinianos

Com objetivo de identificar pesquisadores que estudaram o gênero entrevista a partir de Bakhtin, realizou-se levantamento bibliográfico entre os meses de agosto de 2017 a dezembro de 2018. Os sítios virtuais investigados foram: Biblioteca Teses e Dissertações (BDTD); as edições do Círculo Rodas Bakhtinianas (edições 2010, 2012, 2016, 2018); e as edições dos Encontros de Estudos Bakhtinianos (edições 2013 e 2017). Esses dois últimos eventos foram escolhidos por reunirem muitos bakhtinianos e por serem organizados por um dos primeiros grupos de pesquisa brasileiros que estudaram este autor. Fez-se também busca em repositórios de teses e dissertações de cursos de Pós-Graduações da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Faculdade de São Carlos (UFSCAR), considerados espaços de referência nas pesquisas que utilizam aporte teórico bakhtiniano.

Para a busca nos repositórios citados utilizou-se as palavras-chave, “Bakhtin” e “entrevista”. Ao fazer essa busca foi necessário compreender como cada sistema filtra os resultados. O site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) tem um campo chamado “Ajuda com operadores de busca”, que ensina o usuário a realizar a busca, facilitando a utilização do filtro. A partir dos operadores (+Bakhtin entrevista) foram obtidos 630 resultados. Delimitando o marco temporal entre os anos de 2010 a 2019, o resultado foi de 441 publicações, de onde se extraiu, após leitura dos títulos e resumos, três dissertações que apresentavam as teorias de Bakhtin e entrevistas como técnica de coleta de dados.

Nas edições do Círculo Rodas Bakhtinianas 2010 e 2012 (eventos bianuais), os cadernos de textos (também chamados de Anais ou Atas) foram disponibilizados virtualmente inseridos em blogs. Por isso, a pesquisa teve que ser realizada página por página, buscando a palavra “entrevista” nos títulos dos trabalhos. No “Rodas 2010”, obteve-se 18 resultados de publicações e apenas um artigo utilizou a entrevista técnica de produção de dados. No “Rodas 2012”, das 22 palavras relacionadas à “entrevista”, apenas quatro artigos elencaram a entrevista técnica de produção de dados.

As edições dos Rodas 2016 e 2018, o caderno de textos (termo sinônimo para Anais ou Atas) foi postado no site de divulgação do evento. Ao buscar os artigos utilizando o descritor “entrevista”, na edição de 2016, encontrou-se como resultado 50 palavras e dois artigos que se relacionavam com os estudos empreendidos. Na edição de 2018 foram encontradas 145 palavras, dessas filtrou-se, após leitura dos títulos e resumos, 6 artigos que, de certa forma, citavam a entrevista nos textos.

Ao buscar nas edições dos Encontros de Estudos sobre Bakhtin em 2013 e 2017, no ano de 2013, encontrou-se 60 palavras como resultados, sendo que somente dois artigos tangenciavam o tema entrevista. Na edição de 2017, obteve-se como resultado de busca 234 palavras, sendo que apenas 4 artigos se referiam à entrevista como modo de produzir dados.

Foi empreendida pesquisa nos sites dos cursos de Pós-Graduações da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Faculdade de São Carlos e da Universidade de Campinas (UFSCAR), utilizando as palavras-chave “Bakhtin”, “entrevista” ou “+Bakhtin entrevista”. Na página da UFF obteve-se 142 resultados, sendo que apenas duas dissertações citavam a entrevista como técnica de produção de dados.

Já o Repositório Institucional da UFSCAR não possui uma ferramenta de busca a partir de palavras-chave. Portanto, fez-se uma busca geral diante dos 875 registros encontrados. Dessa investigação localizou-se apenas uma tese que relacionava entrevista aos estudos bakhtinianos.

Esta revisão bibliográfica mostra que alguns repositórios brasileiros, sobretudo os relacionados a eventos, não disponibilizam ferramentas que possibilitem investigações detalhadas a partir de descritores. Isso dificulta e atrasa a realização de levantamentos bibliográficos. Por conta dessa tarefa exaustiva, para a escrita deste artigo, não foi executado levantamento similar em repositórios internacionais, ação que será realizada e apresentada em estudo posterior.

Devido ao limite deste artigo, não é plausível detalhar cada pesquisa encontrada durante a revisão de literatura mas, de modo geral, pode-se concluir que o gênero entrevista é pouco reconhecido como objeto de pesquisa a ser explorado em pesquisas acadêmicas, funciona mais como ferramenta que auxilia o pesquisador a produzir dados que colaboram para a compreensão/construção de um outro objeto a ser investigado.

Entre as investigações analisadas a partir do recorte descrito, somente as de Adelino (2016, 2017) e de Silva (2014) elencam o gênero discursivo entrevista como objeto de estudo. Constata-se que a entrevista foi utilizada nos trabalhos de Barros (2016) e de Souza (2016), dentre outros pesquisadores, apenas como suporte para as investigações e não como objeto de pesquisa principal. Infere-se também que apesar das investigações analisadas estarem baseadas nas teorias bakhtinianas, nem todas, tais com as de Angelo (2013) e Alves e Côco (2018), definem a entrevista como gênero discursivo, fato que aponta ausência de preocupação dos autores em conceituar a entrevista como gênero do discurso (e todas as implicações que isso acarreta) para, a seguir, analisar os dados produzidos a partir do referencial bakhtiniano. Considera-se que, por se tratar de pesquisas acadêmicas, isso é um deslize que não poderia ocorrer em investigações com aporte bakhtiniano, pois fere a essência desta teoria.

De modo geral, pode-se notar que as pesquisas desenvolvidas pelo Gepech (Santos, Leite & Côco, 2017; Santos, Leite & Côco, 2018) colocam-se em situação de destaque frente a outras investigações, principalmente por delimitarem a entrevista como gênero do discurso e como meio fundamental para conhecer, por meio do diálogo, polifonia, responsividade, alteridade e exotopia (Esquema 3), outros pesquisadores que se ocupam com os estudos da cidade e da educação.

2.2.1 Recorte das Entrevistas realizadas pelo Gepech

Entre os anos de 2016 e 2018 o Gepech realizou 15 entrevistas com pesquisadores renomados. Somente uma entrevista ocorreu fora do Brasil, no México, e as demais foram realizadas no Espírito Santo e em São Paulo, na Universidade Estadual de São Paulo (USP). Neste artigo apresenta-se recorte e dados de quatro entrevistas escolhidas por terem redirecionado os estudos do Gepech. As conversas foram agendadas por e-mail e, nesta ocasião, explicou-se os objetivos do grupo de pesquisa, destacando que os estudos realizados pelo pretense entrevistado seriam grandes referências para as pesquisas realizadas pelo Gepech. Após o aceite e o agendamento do local, no dia da entrevista, iniciou-se a conversa solicitando autorização para gravar e publicar a entrevista (incluindo assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE), presenteou-se o entrevistado com livro que o Gepech produziu, tratou-se de amenidades como questões sobre o clima, por exemplo e, a seguir, começou-se de fato a entrevista.

As entrevistadoras explicaram, de modo geral, as questões que seriam discutidas, orientando que o entrevistado discorresse sobre os estudos que realiza e também que apresentasse sugestões de leitura para o Gepech. Ao longo da entrevista outras questões

foram suscitadas e a conversa fluiu de modo a deixar o entrevistado à vontade para comentar o que foi solicitado. As entrevistas foram realizadas pelas coordenadoras do Gepech e, de antemão, justificamos a presença da identidade dos entrevistados no texto que segue, por se tratar de autores renomados no assunto e por termos obtido o consentimento para tal publicação. Cabe colocar que após as transcrições das entrevistas, elas foram validadas pelas coordenadoras do Gepech, por meio de comparação do texto escrito com a gravação.

No dia 19 de setembro de 2016, foi entrevistada a professora Dr^a Fraya Frehse. Ela atua na Universidade Estadual de São Paulo (USP) no departamento de Sociologia e escreveu vários artigos e livros sobre a cidade de São Paulo. Por isso, a primeira pergunta direcionada a ela foi sobre os estudos que realizou no mestrado e no doutorado. Fraya relatou que nessas investigações um de seus aportes teóricos foi Henri Lefebvre, autor com o qual teve contato devido às aulas realizadas por José de Souza Martins, estudioso renomado de Lefebvre. A entrevista foi gravada em vídeo e durou cerca de 50 minutos. Foram feitas perguntas específicas sobre conceitos cunhados por Lefebvre, como a diáde rural e urbano, o método regressivo-progressivo, direito à cidade, monumento etc.

Na sequência, solicitou-se que a professora sugerisse autores que dialogassem com Lefebvre e que poderiam ajudar o Gepech a estudar a cidade. Fraya citou José de Souza Martins em "*Uma Sociologia da Vida Cotidiana*"; e José Machado Pais em "*Sociologia da Vida Quotidiana*". Apresentou também a importância de estudos de fotografias antigas como modo de comparar a cidade antiga com a atual. Informou que no livro de Claude Lévi-Strauss, "*Tristes Trópicos*", há um capítulo chamado "São Paulo", que trata da época em que Strauss foi professor na USP e detectou que seus alunos possuíam mais conhecimentos sobre Paris do que sobre o próprio bairro onde moravam. Fraya sugeriu leitura de Gilberto Freire "*Sobrados e Mucambos*", devido à minuciosa descrição que faz da cidade brasileira do século XIX. Sobre os dilemas ligados à criação da cidade, sugeriu Sérgio Buarque de Holanda, em "*Raízes do Brasil*". Apontou a importância de estudar relatos de viajantes estrangeiros, tais como Auguste de Saint Hilarie, botânico francês que relatou sua viagem exploratória a várias cidades brasileiras no século XIX. No mesmo mês em que a entrevista foi realizada exibiu-se a gravação em vídeo para os integrantes do Gepech e, a partir das indicações de Fraya, foram planejadas as leituras que seriam realizadas no primeiro semestre de 2017.

No dia 12 de maio de 2017, as coordenadoras do Gepech entrevistaram a professora Dr^a Ermínia Maricato, que atua na USP, na pós-graduação do departamento de Arquitetura. A conversa, gravada em vídeo, durou 90 minutos e foi organizada a partir de três perguntas: Quais as tendências sobre os estudos da cidade na atualidade? Como essas tendências se articulam com a educação? Quais referências são imprescindíveis para estudarmos a cidade e suas relações com a educação? Maricato iniciou dizendo que compreende a cidade a partir da tradição marxista. Explicou que cidade é produzida sob determinadas relações sociais que são fundamentais para definir o espaço que seus habitantes irão ocupar; é produto e suporte das relações sociais e parte do processo de acumulação capitalista. A professora alertou que a renda define a relação dos moradores com a cidade. Nesse sentido, a especulação imobiliária muda o preço da terra em decorrência da proximidade com os grandes centros, ocasionando, conseqüentemente, o afastamento dos mais pobres das localizações valorizadas.

Na conversa, Maricato analisou os investimentos feitos no período em que esteve à frente do Ministério das Cidades no Governo Federal do Brasil, inferindo que, mesmo com esforço do primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva, a desigualdade foi ampliada. Considerou fundamental o estudo de autores que investigam a formação nacional brasileira,

como Gilberto Freire, Raimundo Faoro, Caio Prado, Celso Furtado, Florestan Fernandes e Roberto Schwarz. Defendeu a necessidade de promoção da Alfabetização Urbana como modo de estimular a compreensão de estratégias que visam maquiagem, por exemplo, que a responsabilidade das invasões dos pobres em áreas de preservação ambiental é culpa dos mesmos. Maricato recomendou que o Gepech estudasse mapas elaborados a partir de dados do IBGE, para identificar áreas ocupadas e suas relações com renda, cor de pele e escolaridade dos habitantes, observando o adensamento da periferia e suas relações com o poder aquisitivo dos habitantes. A transcrição da conversa foi apresentada ao grupo em uma das reuniões. Na ocasião foram selecionados alguns dos textos sugeridos para leitura por Maricato. Tal estudo foi iniciado no segundo semestre de 2017.

No dia 02 de março de 2018 foi realizada entrevista com o professor Dr. Robert Moses Pechman. Ele atua na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é estudioso do tema Cultura e Cidade. A entrevista, gravada em vídeo, durou 100 minutos e foi iniciada, por uma das entrevistadoras, com a leitura de um trecho de artigo escrito por Pechman sobre as relações da cidade com a educação. A proposta foi que ele ampliasse e explicasse essas relações. Pechman recordou-se do diálogo que estabeleceu com Eduardo Portela na ocasião da escrita do referido artigo. Assim como nas demais entrevistas, foi solicitado que Robert elencasse textos que ajudassem a compreender melhor a cidade. Ele citou diversas obras literárias e cinematográficas que abordam a cidade de forma pedagógica.

Para Pechman as cidades suscitam uma pedagogia. Exemplificou dizendo que a cidade de Hitler foi projetada uma cidade chamada Germânia. Sobre este fato sugeriu leitura do artigo de sua autoria intitulado “Cruéis paisagens da cidade”. Explicou que os monumentos constituem as paisagens e estão em determinados locais para educar o cidadão, necessitando assim de mediações pedagógicas que contribuam para o entendimento da cidade. Também citou o livro de Maria Stella M. Bresciani, “*Londres e Paris no século XIX: o Espetáculo da pobreza*”; o texto de Georg Simmel “*A metrópole e a vida mental*”; Michel Foucault em “*Vigiar e Punir*”; textos literários de Rubem Fonseca; “*Tudo que é sólido desmancha no ar*” de Marshall Berman, “*Avenida Niévski*” de Nicolai Gógol; e “*Pela Rua*” de Ferreira Gullar. Sugeriu também o estudo das pinturas de Edward Hopper e o vídeo “*Recados urbanos*”, produzido por Eliana Kuster.

Assim como Fraya Frehse, recomendou os livros de José de Souza Martins, em especial, “*Vergonha e Decoro na Metrópole*”, em que este sociólogo estuda o mecanismo psicológico que faz com que o sujeito reconheça ou não uma situação do cotidiano. De modo similar à conversa com Fraya, o encontro com Pechman possibilitou reconhecer que seria necessário investir tempo no estudo de textos literários. Sendo assim, foi indicado que os integrantes do Gepech realizassem as leituras dos referidos textos em paralelo com os demais estudos.

No dia 10 de agosto de 2018 entrevistou-se, por 59 minutos gravados em vídeo, a Dr^a. Ana Fani Alessandri Carlos, professora do departamento de Geografia da USP. Para iniciar, solicitou-se o relato das pesquisas que ela desenvolve junto com o seu grupo. Ana Fani foi orientada em seus estudos acadêmicos por José de Souza Martins e participou do grupo de pesquisa deste sociólogo por mais de 18 anos, estudando Karl Marx e Henri Lefebvre. Desenvolveu estudos sobre geografia urbana sob a luz dos autores citados e atualmente coordena grupo de pesquisa que dá continuidade aos estudos iniciados por Martins. O grupo reúne várias gerações, integrando professores e professoras de universidades federais brasileiras e publicou livros, entre eles: “*A Crise Urbana*”, “*Cidade como Negócio*”, “*Direito à*

Cidade, Justiça Espacial”, “*Geografia Urbana Crítica*” e “*Henri Lefebvre: a problemática urbana*”.

Quando indagada sobre a contribuição de Lefebvre para os estudos da cidade, Ana Fani destacou que este autor é imensamente atual, pois o estudo dos problemas urbanos continua sendo um tema emergencial. Assim como nas outras entrevistas, foi pedido que Ana Fani indicasse fontes que pudessem contribuir para os estudos do Gepech. Ela apontou José de Souza Martins em “*A Sociedade Vista do Abismo*” e “*A sociabilidade do homem simples*”, textos de Walter Benjamin como “*A Rua de Mão Única*” e “*A Paris do Segundo Império de Napoleão III*”, pelo fato de ser um autor que presenciou a cidade em transformação e o modo como a mercadoria invadiu as cidades do século XIX. Também indicou os livros de Mike Davis, em especial “*A Cidade de Quartz*”. Sugeriu textos literários como “*As Flores do Mal*”, de Baudelaire; “*Cidades Invisíveis*” e “*Marcovaldo*” de Ítalo Calvino; e “*Avenida Niévsky*”, de Gógol. A conversa com a professora Ana Fani direcionou os estudos do Gepech no segundo semestre de 2018. Foram elencados os textos de Walter Benjamin como os principais para este estudo.

De forma geral, pode-se inferir que as entrevistas realizadas com esses quatro pesquisadores reorientaram os estudos de Gepech. As diversas vozes que integraram os momentos de conversa, vozes dos entrevistados e dos autores citados, fizeram com que as leituras fossem reorganizadas, a partir de um movimento exotópico, pois como aponta Bakhtin (2011),

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre serei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver. (p. 43)

Sabe-se que os entrevistados estão envolvidos em contextos distintos de enunciação. Contudo, é possível verificar que existem aproximações entre os seus discursos quando, por exemplo, apontam para a necessidade de compreender a cidade de modo crítico ou quando sugerem leituras de mesmos autores. Os modos como os entrevistados expressaram-se, proferindo enunciados distintos, revelam posicionamentos e orientações únicos que delineiam, por conseguinte, posicionamentos politizados e contra-hegemônicos. Percebe-se também que o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático que caracterizam o gênero discursivo entrevista, foram construídos a partir do diálogo entre as perguntas e as respostas. Apesar da indissociabilidade de tais elementos, infere-se que os conteúdos temáticos foram delineados pelas perguntas realizadas e ficaram circunscritos no relato das pesquisas realizadas pelos entrevistados e nas sugestões de obras para estudo do Gepech, conforme pode-se observar no trecho que segue:

Entrevistadora 1 – E de livros, assim que a senhora destaca, desses todos que apontou pra pensar nessa trajetória, quem tá começando, esse estudo?

Ana Fani Alessandri Carlos – Dos alunos que estão começando esses estudos sobre o urbano?

Entrevistadora 1 – Isso sobre a cidade!

Ana Fani Alessandri Carlos – Então, eu acho para além de livros, tem muitos textos interessantes. Eu acho o seguinte, a introdução dos alunos nos estudos urbanos tem que ser extremamente interdisciplinar e intercorrentes, porque é o seguinte, cada grupo está pensando o mundo de um jeito, a partir de uma filiação, a partir de um autor que nos inspira, agora não existe verdades absolutas, eu não posso dizer que a nossa corrente marxista seja portadora de verdades e que as outras são falsas e que a nossa é verdadeira, o que eu estou querendo dizer é que a nossa corrente de pesquisa é uma possibilidade pra entender o mundo, não é uma verdade, que faz com que as outras sejam falsas. Então por exemplo, o que os alunos têm de fazer é perceber essas, a serem formados, nessa diversidade de possibilidades de compreensão do urbano, nessa grande diversidade e compreensão do mundo urbano. Você tem o nosso grupo que tem muito trabalho e que é fácil, no nosso site tem muitos textos que

podem ser baixados. No meu blog também tem textos que podem ser baixados. Você tem o Milton Santos e o grupo do Milton Santos que é um outro jeito de pensar o urbano. Você tem o Harvey, não é? Que também pensa o urbano. Você tem o observatório das metrópoles que também pensa o urbano de um modo radicalmente diferente do nosso, mas que também pensa o urbano, você tem essas, você tem, por exemplo os estudos culturais sobre o urbano, que tem um apelo quase ontológico, não é? Que o corpo se transforma num corpo social, que se transforma num corpo único, individual, mas você tem todas essas leituras sobre o urbano (...). (Carlos, 2018)

No excerto acima fica evidente os propósitos comunicativos da entrevista e o alto grau de conhecimento do tema tratado. Fica ressaltado, nesse sentido, o aspecto polifônico do enunciado proferido, pois a entrevistada recorre a outros autores para evidenciar diferentes visões que podem ser encontradas acerca dos estudos relacionados à cidade, revelando que um tema é construído a partir da interação, diálogo entre os participantes da entrevista e também com os demais pesquisadores do assunto que, mesmo não estando presentes na entrevista, compõem a discussão. Nesse sentido, o tema de um enunciado é formado por elementos verbais (palavras, formas morfológicas ou sintáticas, sons e entonações) e também elementos contextuais.

Quanto a construção composicional, ou seja, o modo de organizar determinado texto, a estrutura das entrevistas realizadas apresenta-se como enunciados relativamente estáveis, compostos por uma introdução em que o entrevistado recebia de presente o livro do Gepech, conversava-se sobre amenidades e solicitava-se a permissão para que a conversa fosse filmada. As perguntas principais foram explicadas e a partir da alternância dos diálogos estabelecidos, que implicava no fim de um enunciado e início de outro, eram realizadas novas inferências, solicitando novos posicionamentos e interlocutores, conforme pode-se avaliar no excerto a seguir.

Entrevistadora 1- Podemos começar? Agradeço muito...
Robert Moses Pechman – Como a gente tava falando... Acho que o caminho é esse mesmo, é bonito e é fascinante, eu sei assim, tem esse artigo do Portela (...)
Entrevistadora 1 – Eduardo Portela!
Robert Moses Pechman – Educação pela cidade?
Entrevistadora 1 – O senhor cita.
Robert Moses Pechman – Se chamar de novo, senhor (...)
Entrevistadora 1 – Tá bom!
Entrevistadora 2 – Você está vendo o livro ali?
Robert Moses Pechman – Que livro é esse?
Entrevistadora 2 – É o nosso, todo marcadinho.
Robert Moses Pechman – É, então!
Entrevistadora 1 - No artigo, “Morte na cidade”, o senhor cita o Eduardo Portela e fala que o Eduardo Portela sugere que não basta ensinar na cidade, mas é preciso ensinar a cidade como conteúdo.
Robert Moses Pechman – É o que vocês estão propondo, né?
Entrevistadora 1- Estamos tentando! (Pechman, 2018).

Sobre o estilo, considerado como “(...) uma seleção de certos meios lexicais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa no enunciado” (Adelino, 2016, p. 35), infere-se que a entrevista possui algumas marcas linguísticas peculiares a esse gênero, tais como o uso de construções frasais na interrogativa, recurso que corrobora o contato entre os falantes. Nesse sentido, na entrevista as perguntas e as respostas são construídas por meio da interação ativa entre os participantes, formando uma unidade, conforme pode-se observar no excerto acima. Contudo, algumas marcas pessoais também aparecem, como o uso do marcador conversacional “né”, demonstrando o estilo individual do falante. Tal marcador pode variar dependendo de aspectos subjetivos, próprios da individualidade do falante, e/ou de aspectos que ressaltam uma dada regionalidade, próprios

de um modo de falar característico de sujeitos que vivem em determinadas regiões geográficas.

3. CONCLUSÕES

Neste artigo, busca-se apresentar contribuições dos estudos bakhtinianos para a efetivação do gênero discursivo entrevista como procedimento para produção de dados, exibindo recorte de uma pesquisa que transcreveu e analisou entrevistas com pesquisadores renomados no campo das investigações sobre Cidade e/ou Educação.

Os resultados desta investigação conduzem a compreensão de que produzir dados de pesquisa a partir de entrevistas não se reduz a organizar e transcrever perguntas e respostas. Pondera-se que compreender os enunciados proferidos durante uma entrevista integra cotejar os sentidos criados por meio da interlocução e dos diferentes horizontes ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As vozes desses sujeitos abarcam diferentes contextos, estão carregadas de outras vozes refletindo a realidade de seu momento histórico, político e social. As entrevistas realizadas pelo Gepech assumem esse referencial linguístico, filosófico e ético. Este grupo destaca-se por considerar a entrevista como gênero do discurso fundamental para ampliar-se os estudos no campo da educação. Não é possível abrir mão do diálogo, da busca pelo encontro com outras vozes e do reconhecimento do outro como constituinte da forma como compreende-se criticamente o mundo e a si mesmo.

A pesquisa realizada sobre as entrevistas foi divulgada em seminários que reuniam estudiosos de Bakhtin (Santos, Leite & Côco, 2017; Santos, Leite & Côco, 2018) e também em congressos sobre cidade (Santos, Leite & Côco, 2019). Outras entrevistas ainda estão sendo analisadas, e serão apresentadas em eventos que discutem metodologias de pesquisa em Ciências Sociais. Também comporão o *corpus* de estudo de um trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, realizado no Instituto Federal do Espírito Santo.

Espera-se que o modo como o Gepech concebe este gênero discursivo, possa inspirar outros grupos de pesquisa a realizarem novos aprofundamentos a partir de entrevistas com estudiosos renomados (seja qual for o campo de atuação). Deseja-se também que as sugestões de livros oferecidas pelos entrevistados possam estimular outros pesquisadores a estudarem a cidade e suas relações com a educação. Fica o alerta para que tais pesquisadores reconheçam a entrevista como gênero discursivo que pode contribuir de modo especial quando abordado a partir do referencial teórico-metodológico bakhtiniano.

BIBLIOGRAFIA

- Adelino, F. J. (2016). *Na trilha dos modalizadores: perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego*. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8559/2/arquivototal.pdf>
- Adelino, F. J.; Nascimento, E. P. (2017). Gêneros discursivos: um olhar sobre a entrevista de seleção de emprego sob a perspectiva de bakhtin. *Revista de Gestão e Secretariado*, 8(2), 107-227. Recuperado de <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/601>.
- Alves, K. K. & Côco V. (2018). Atendimento em instituições conveniadas de educação infantil: fronteiras entre público e privado tensionando os direitos educacionais. En P. A de Moura Brito & J.R. de Moura Brito (Ed.), *Caderno de Textos: VII Círculo - Rodas Bakhtinianas: fronteiras*. (pp.160-169). São Carlos: Pedro & João Editores. Recuperado de <https://circulorodas2018.wixsite.com/rodas2018/caderno-de-textos>

- Angelo, A. A. (2013). A organicidade e a militância de estudantes em um curso de Licenciatura em Educação do Campo: discursos sobre o outro. En P. A de Moura Brito & J.R. de Moura Brito (Ed.), *II EEBA - Encontro de Estudos Bakhtinianos. Vida, Cultura, Alteridade* (pp. 77-85). São Carlos: Pedro & João Editores. Recuperado de <https://2eeba.files.wordpress.com/2013/11/eeba-caderno-1-2-3.pdf>
- Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, F. R. (2016). Curtir, comentar e compartilhar: As redes sociais e a sexualidade no cotidiano e formação da escola pública brasileira. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado de <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3828>
- Carlos, A. F. A. Entrevista sobre estudos da cidade e educação [10 de agosto de 2018]. Entrevistadores: Dilza Côco e Priscila de Souza Chisté Leite. São Paulo, 2018. Arquivo em vídeo (59 min). Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação na Cidade e Humanidades
- Côco, D.; Martinelli Filho, N.; Chisté, P. S & Della Fonte, S. S. (2018). *Educação na cidade: conceitos, reflexões e diálogo*. Vitória: Edifes.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Revista Educar*, 24, 213-225.
- Fávero, L. L. (2000). A entrevista na fala e na escrita. In D. Preti (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas.
- Freitas, M. T. A. (2002). A abordagem Sócio-Histórica como Orientadora da Pesquisa Qualitativa. *Caderno de Pesquisa*, 116, 21-39.
- Minayo, M. C. S. (2000). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.
- Pechman, R. M. Entrevista sobre estudos da cidade e educação [02 de março de 2018]. Entrevistadores: Dilza Côco, Eliana Kuster e Priscila de Souza Chisté Leite. Vitória, 2018. Arquivo em vídeo (100 min). Entrevista concedida ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação na Cidade e Humanidades
- Santos, M.D., Leite, P. S. C. & Côco, D. (2017). O gênero entrevista como estratégia de estudos sobre a cidade e suas relações com a educação. *IV EEBA - Encontro de Estudos Bakhtinianos (EEBA): Das Resistências À Escatologia Política: risos, corpos e narrativas enunciando uma ciência outra*. (pp. 758-766). São Carlos: Pedro & João Editores. Recuperado de <https://eebaunicamp.wixsite.com/eeba/caderno-de-textos>
- Santos, M.D, Leite, P. S. C & Côco, D. (2018). Polifonia e dialogismo em entrevista: relações entre o discurso de Gabino Cárdenas Olivares e o materialismo histórico-dialético. En P. A de Moura Brito & J.R. de Moura Brito (Ed.), *VII Círculo Rodas Bakhtinianas* (pp. 260-269). Recuperado de <https://circulorodas2018.wixsite.com/rodas2018/caderno-de-textos>
- Santos, M.D, Leite, P. S. C & Côco, D. (2019). Segregação espacial e educação na cidade: contribuições da entrevista de Ermínia Maricato. *Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, 1, 4418-4437. Recuperado de <http://periodicos.ufes.br/?journal=simpurb2019&page=index>
- Silva, V. F. (2014). *O gênero entrevista pingue-pongue na esfera do jornalismo cultural*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115845>
- Souza, S. J. & Albuquerque, E. D. P. (2012). A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, 7, 109-122.
- Souza, C. F. (2016). *Ecoss do ser e do estar: um estudo discursivo acerca do trabalho do professor de inglês de cursos livres*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado de <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3793>
- Szymanski, H. (2004). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre entrevista em pesquisa. In Szymanski, H., Almeida, L. R. & Prandini, R. C. A. R. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora.